

Notas de Pesquisa

A arqueologia do planalto catarinense: Projeto Taió, SC

The archaeology of the uplands of Santa Catarina uplands: the Taió Project

Pedro Ignácio Schmitz¹

anchietano@unisinos.br

Fúlvio Vinícius Arnt

fvarnt@unisinos.br

Marcus Vinícius Beber

beber@unisinos.br

André Osorio Rosa

aosorio@pop.com.br

Jairo Henrique Rogge

rogge@unisinos.br

O projeto “Arqueologia do Planalto Catarinense: Projeto Taió, SC” é executado pela equipe do Instituto Anchietao de Pesquisas, coordenada pelo Dr. Pedro Ignácio Schmitz, composta pelos arqueólogos Dr. Jairo Henrique Rogge, Dr. Marcus Vinícius Beber, Ms. André Osorio Rosa, Ms. Fúlvio Vinícius Arnt e bolsistas de Iniciação Científica.

Nos cinqüenta e um anos de atuação, o Instituto Anchietao de Pesquisas desenvolveu pesquisas no Sul, no Centro-Oeste e Nordeste do Brasil, buscando compreender o processo de formação das populações anteriores à chegada dos europeus. Ao retornar ao Sul e, depois de 25 anos, retomar os estudos sobre casas subterrâneas no Planalto (projetos Vacaria e São Marcos) e a ligação delas com os seus acampamentos no Litoral (projetos Içara e Quintão), nova problemática apareceu quanto à ocupação do espaço e mobilidade dos grupos.

Através desses estudos foram sendo criados modelos de assentamento pré-histórico. No planalto das Araucárias ele está ligado à intensa movimentação de terra para construir “casas subterrâneas” (habitações), “danceiros” (lugares de reuniões sociais) e montículos funerários. No mesmo planalto, e em terrenos de menor altitude, também foram descobertos numerosos restos de assentamentos construídos com materiais perecíveis e sem rebaixamento do piso, que podem corresponder tanto a grandes

¹Bolsista de Produtividade CNPq, Coordenador do Projeto e diretor do Instituto Anchietao de Pesquisas.

aldeias como a pequenos acampamentos passageiros. Nos meses quentes do ano, os grupos do planalto e da encosta podiam deslocar-se para o litoral, para obter recursos ligados à fauna marinha e lacustre, vivendo então em assentamentos bastante simples.

Os mortos, no planalto, eram sepultados no chão em montículos isolados, na proximidade das casas, ou em cemitérios coletivos cercados por uma taipa de terra; freqüentemente eram depositados em abrigos rochosos existentes nos despenhadeiros que emolduram rios encaixados.

A ligação dos assentamentos em ambientes diversificados foi estabelecida através da cerâmica da Tradição Taquara/Itararé, encontrada tanto nas estruturas do planalto como nos acampamentos litorâneos. Essa cerâmica costuma ser usada como identificador dos grupos Jê do Sul do Brasil. O projeto Taió está diretamente ligado à formação histórica desses grupos.

O município está situado no Alto Vale do Rio Itajaí, SC, num patamar entre a Serra Geral e a Planície Costeira, em altitudes entre 300 e 800 metros; as partes mais baixas estão cobertas por densa Mata Atlântica e as mais altas por mata com Araucária. Já nos primeiros trabalhos de campo apareceram, lado a lado, casas subterrâneas com montículos funerários e numerosos sítios a céu aberto com pontas de projétil, típicas dos caçadores da Tradição Umbu. Nem nas casas subterrâneas, nem nos sítios a céu aberto foi encontrada cerâmica, que serviria para identificar um ou outro desses tipos de assentamentos como pertencentes a grupos Jê meridionais. O primeiro problema era, então, a falta de cerâmica nas casas subterrâneas, normalmente atribuídas a essa etnia; o segundo, a ligação entre os sítios com pontas e essas casas.

Os objetivos gerais das pesquisas do Instituto no Planalto e no Litoral é entender a maneira como os grupos se estabelecem no terreno em busca de subsistência, de acordo com seus padrões sociais, o que costuma ser entendido como “sistema de assentamento” (Forsberg, 1985). O objetivo básico do projeto Taió também é este. O objetivo específico passa a ser a resolução dos problemas acima indicados, isto é, a falta de cerâmica nas casas subterrâneas, e a ligação dessas com as pontas de projétil.

A metodologia usada em campo é o levantamento sistemático dos sítios da área, com coletas superficiais, estudo dos perfis expostos nas barrancas dos caminhos, sondagens e escavações em sítios característicos e análise das coleções de pontas de projétil guardadas nas casas dos moradores da região. Em laboratório, os materiais assim recuperados são analisados. A bibliografia sobre o modo de vida e a história dos grupos Jê meridionais é estudada para criar modelos que possam ser úteis na interpretação do material.

Até o momento foram localizados 23 sítios com pontas de projétil e dois sítios com casas subterrâneas. Foi feita uma escavação num sítio com pontas, cuja data recua a 2.000 anos a.C., e foram escavadas oito casas subterrâneas, datadas entre o século VIII e XIII. Os artefatos de ambos tipos de sítios mostram que eles pertencem à mesma cultura, isto é, em ambos aparecem as mesmas pontas de projétil e os mesmos tipos de fogões, que também são muito característicos. Com isso, temos uma resposta para o segundo dos nossos objetivos específicos.

Na Mata Atlântica, dentro da qual se encontra o município de Taió, foram identificados aproximadamente 300 sítios com pontas de projétil semelhantes às que encontramos nos assentamentos por nós estudados. Farias (2005), sobrepondo o mapa da localização destes sítios com o mapa que registra os conflitos entre a população européia e os índios Xokleng, observou perfeita coincidência entre ambos. Levantou, então, a hipótese de que estes sítios com pontas podem ser, de fato, assentamentos antigos dos Xokleng. Isto pode servir para pensarmos também os sítios por nós pesquisados em Taió como parte desta história. Outros pesquisadores registraram, no planalto, igualmente casas subterrâneas sem cerâmica (Piazza, 1969; De Masi, 2006) e sítios abertos e em abrigos, com pontas de projétil, datados da mesma época que as casas de Taió (Piazza, 1974). Resumindo, temos, no planalto e na encosta, casas subterrâneas sem cerâmica e sítios com pontas com as mesmas datas destas. Voltamos então à história dos Jê Meridionais.

Urban (1992), a partir de estudos lingüísticos, propõe que grupos da família Jê se teriam separado da população original, no Planalto Central do Brasil, cerca de 3.000 anos atrás, e migrado para o Sul, acompanhando o ambiente de savana das terras altas, onde formariam os grupos Kaingang a oeste e Xokleng a leste. A lingüista Úrsula Wiesemann (1978) propõe que a língua Xokleng seja a mais antiga e a Kaingang a mais nova. A ausência da cerâmica, a presença de numerosos sítios com pontas de projétil, supostamente ligados à história dos Xokleng, e as datas muito antigas de alguns desses sítios² confirmam a antiguidade do grupo Xokleng na área e vão levar, necessariamente, à revisão do que se conhece sobre a formação dos grupos Jê no Sul do Brasil (Schmitz, 2007).

Agradecimentos

Para a execução deste projeto, são preciosas as contribuições do CNPq, da FAPERGS, do Laboratório de Geologia da UNISINOS, da Prefeitura Municipal de Taió, e da equipe diretiva do Museu Municipal Prefeito Bertoldo Jacobsen.

² Ver também De Masi (2006).

Referências

- DE MASI, M.A.N. (org.). 2006. *Xokleng 2860 a. C.: As terras altas do sul do Brasil*. Tubarão, Ed. Unisul, 218 p.
- FARIAS, D.S.E. 2005. *Distribuição e padrão de assentamento – Propostas para sítios da Tradição Umbu na Encosta de Santa Catarina*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 364 p.
- FORSBERG, L.L. 1985. *Site Variability and Settlement Patterns*. Umea, Sweden. Tese de PhD. University of Umea, 323 p.
- PIAZZA, W.F. 1969. Nota preliminar sobre o Programa de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 6:39-46.
- PIAZZA, W.F. 1974. Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 26:53-66.
- SCHMITZ, P.I. 2007. Variação regional nos sítios atribuídos a populações Jê no Sul do Brasil. In: ANAIS DA VII REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL – DE SAFIOS ANTROPOLÓGICOS. Porto Alegre, RS. UFRGS, 2007. (No prelo).
- URBAN, G. 1992. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: M. C. DA CUNHA (org.), *História dos índios do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, p. 87-102.
- WIESEMANN, U. 1978. Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. III, ano III, s/p.

Submetido em: 25/05/2007

Aceito em: 28/05/2007

Pedro Ignácio Schmitz
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil

Fúlvio Vinícius Arnt
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil

Marcus Vinícius Beber
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil

André Osório Rosa
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil

Jairo Henrique Rogge
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil